



O
DRAMA
DIVINO

PETER SAUNDERS

THE DIVINE DRAMA - Tradução

© 2017 Peter Saunders

O DRAMA DIVINO

© 2017 Peter Saunders

Peter Saunders tem os direitos autorais desta obra sob o *Copyright, Design and Patents Act, 1988*, identificado como Autor desse trabalho.

Publicado por Christian Medical Fellowship

@Médicos de Cristo, 2020

Tradução e Revisão: Médicos de Cristo

Bruna Moreira de Souza Proença,
Carolina Couy Dantas,
Flávia Figueiró da Fonseca,
Lais Tamara de Oliveira Dias,
Mireille Caroline Silva de Miranda Gomes,
Pamily Hadassa Lins Freitas,
Suany Serudo Meirelis.

Toda e qualquer jornada humana é encenada no palco de um grande drama divino que abrange toda a história.

Esse drama foi planejado e colocado em ação antes mesmo da existência dos humanos e, por nós mesmos, nada saberíamos dele. Mas nós não fomos deixados como atores tropeçando no escuro sem um roteiro.

Felizmente, Deus nos forneceu tudo o que precisamos saber sobre seu plano, seu drama divino, na Bíblia.

Um jovem, que havia recentemente se tornado um cristão, estava regozijando-se em sua nova fé. Ele desejava que seus colegas de sala descobrissem a mesma alegria, significado e propósito que ele estava experimentando. Assim, cedo pela manhã, ele entrou furtivamente na sala de aula de sua escola e ousadamente escreveu ‘Jesus é a resposta’ no quadro, em letras garrafais. Quando ele retornou, uma hora depois, para o início das aulas, viu que alguém havia escrito abaixo: ‘Mas qual é a pergunta?’. Conforme crescia em sua fé cristã, ele se deu conta de que a vida fazia mais e mais perguntas profundas a ele a cada ano que passava, mas décadas depois ele ainda era capaz de dizer para cada um de seus colegas que Jesus era a resposta.

Esse livreto está escrito com base nas convicções duplas de que Jesus Cristo é a resposta final para todas as perguntas profundas e complexas da vida e de que a Bíblia é crucial no processo de entendê-Lo e conhecê-Lo.

Um livro como nenhum outro

Como cristãos racionais nós compreensivelmente queremos lutar com as complexas questões que a vida nos entrega, mas nós apenas seremos capazes de pensar através delas efetivamente se as aproximarmos de um entendimento da missão de Cristo e da grande narrativa da intervenção de Deus na história relatada na Bíblia.

Quando William Tyndale traduziu a Bíblia para o inglês no século XVI ele se deparou com uma firme oposição da igreja tradicional e acabou pagando por isso com sua vida. Porém, como ele disse a um crítico clérigo, sua motivação era fazer a Palavra de Deus acessível a pessoas comuns:

‘Se Deus poupar a minha vida, antes que muitos anos se passem, levarei um garoto que dirige um arado a saber mais das Escrituras do que tu sabes...’

Mais de um século depois, John Bunyan, autor do clássico ‘O Peregrino’ (‘The Pilgrim’s Progress’), escreveu na capa de sua Bíblia ‘Ou esse livro irá mantê-lo longe do pecado, ou o pecado irá mantê-lo longe desse livro’. Bunyan entendeu profundamente que a Palavra de Deus é uma arma que nós simplesmente não podemos negligenciar.

O apóstolo Paulo diz que a Palavra de Deus é ‘a espada do Espírito’ (Efésios 6:17) e o autor não nomeado de Hebreus diz que ela ‘penetra até dividir alma e Espírito, juntas e medulas’ e ‘julga os pensamentos e as intenções do coração’ (Hebreus 4:12). Como Paulo sabidamente disse a Timóteo:

*‘Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra.’
(2 Timóteo 3:16-17)*

É uma grande tragédia que, em um tempo em que a Bíblia é mais acessível a nós do que jamais foi na história, tão poucos cristãos a conheçam intimamente e a amem profundamente.

Esse livreto pretende remediar isso ao revelar a fundação do plano de Deus na História, como revelado na Bíblia. Se você está procurando por uma visão geral simples de como tudo se encaixa então ele é pra você.

A grande visão

A Bíblia é uma coleção de 66 diferentes livros escritos por mais de 30 autores diferentes em três continentes e em três línguas por um período de mais de 1500 anos. Ela foi cuidadosamente compilada a partir de cópias realistas dos manuscritos originais (documentos escritos a mão).

Como cristãos, nós acreditamos que a Bíblia é simultaneamente inspirada por Deus (sopro de Deus) e um registro acurado da relação de Deus com os seres humanos. Ela é organizada em duas sessões principais. O Antigo Testamento, contendo 39 livros, começa com a narrativa da criação e termina com o povo judeu retornando do Exílio para a terra de Israel no século V a.C. O Novo Testamento, com 27 livros, começa mais de 400 anos depois com o nascimento de Jesus Cristo e termina com o estabelecimento da Igreja cristã, no primeiro século, antes da destruição de Jerusalém pelos romanos em 70 d.C.

O Antigo Testamento consiste em história, profecia e literatura de sabedoria (poemas, canções e provérbios). O Novo Testamento contém acontecimentos

biográficos da vida de Cristo e seus apóstolos juntamente com cartas escritas pelos apóstolos para igrejas primitivas e líderes de igrejas.

O relato bíblico da história da humanidade, passado, presente e futuro, é linear, com começo, meio e fim. Ele começa com duas pessoas em um jardim (Gênesis 2) e termina numa cidade com 'uma grande multidão que ninguém pode contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas' (Apocalipse 7:9, 21:2). A metanarrativa bíblica (grande história) conta do maravilhoso plano da salvação através de Jesus Cristo que 'se entregou por nós a fim de nos remir de toda a maldade e purificar para si mesmo um povo particularmente seu' (Tito 2:13-14).

Nós temos a primeira pista de Jesus em Gênesis 1. Ele é a palavra de Deus trazendo o universo à existência. Nos versículos finais de Apocalipse Ele vem para levar sua noiva, a Igreja: ' "Sim, venho em breve". Amém. Vem, Senhor Jesus. A graça do Senhor Jesus seja com todos. Amém.' A Bíblia simplesmente é toda sobre Jesus.

A metanarrativa bíblica (grande história abrangente) tem quatro temas principais: criação, queda, salvação e nova criação. A Bíblia em sua extensão lida com a história da salvação, a descrição do plano de Deus de resgatar os seus e de reconciliar o universo consigo mesmo. Entender como essa história se revela, e consequentemente como cada livro se encaixa nela, é a chave para conhecê-la, amá-la e aplicá-la.

Como cristãos nós precisamos alcançar plenamente essa grande visão.

Deus é quem está no controle da história e do próprio universo. Ele é o Criador (Gênesis 1:1-2; Salmos 8:3; 2 Pedro 3:5), Dono (Salmos 24:1; Jó 41:11), Sustentador (Hebreus 1:3; Salmos 147: 8-9, 15-18), Diretor (Daniel 2:21, 4:17; Isaías 40:15, 22-24) e Redentor (Romanos 8:20-22; 2 Coríntios 4:16-5:5).

Deus começou a história e irá levá-la a um fim (Apocalipse 5:9-6:1). Seu plano final é 'um novo céu e uma nova terra' (Apocalipse 21:1; Isaías 65:17, 66:22), onde não haverá mais morte, choro ou dor (Apocalipse 21:4), habitado por pessoas de todas as nações (Gênesis 12:3; Apocalipse 7:9) que foram separadas para fazer Sua vontade (Tito 2:11-14, 1 Pedro 2:9).

Ele está agora no processo de unir Seu povo (Mateus 24:31) antes que o mundo como o conhecemos seja destruído (Sofonias 1:2-3, 2 Pedro 3:7, Apocalipse 21:1).

Vamos entender essa grande visão em mais detalhes.

Criação, rebelião e promessa

A Bíblia começa com o relato da criação (Gênesis 1-2), a queda (Gênesis 3) e o estabelecimento da civilização (Gênesis 4-5). Depois que Deus fez o universo, Ele criou os seres humanos à Sua própria imagem para conhecê-Lo e amá-Lo, mas eles se rebelaram contra Seu reinado, o que levou a mudanças neles mesmos e no seu relacionamento uns com os outros, a criação e com o próprio Deus.

A queda significou que os seres humanos foram colocados sob o julgamento de Deus. Em suma, todos nós fomos destinados a sermos excluídos da presença de Deus para sempre por causa da nossa rebelião. Mas Deus, então, tomou a iniciativa tanto de nos proteger das consequências por completo da nossa queda, como de nos resgatar do nosso fim inevitável em outras circunstâncias. A rebelião dos primeiros seres humanos levou à rebelião de toda a humanidade e sua destruição no dilúvio, do qual Noé e sua família sobreviveram após seguir a direção de Deus para construir a arca (Gênesis 6-8).

Após mais um grande crescimento populacional e formação das nações (Gênesis 9-10), a humanidade se rebelou novamente e construiu a torre de Babel. Isso levou a uma intervenção adicional de Deus, que confundiu a linguagem humana, criando grupos culturais distintos e os espalhando por toda a terra (Gênesis 11:1-9).

Após esses eventos essenciais, a narrativa bíblica foca em um indivíduo na cidade antiga de Harã, no vale hídrico da alta Mesopotâmia, próximo à fronteira da Síria, onde hoje nós conhecemos como sul da Turquia. O pai de Abrão, Terá, havia trazido sua família da cidade de 'Ur dos caldeus', nos dias atuais sul do Iraque no golfo Persa. Ele tinha a intenção de chegar a Canaã, Israel nos presentes dias, mas, ao invés disso, decidiu se instalar em Harã e ali faleceu (Gênesis 11:27-32).

Por volta do século XIX a.C., Harã já havia se estabelecido como um posto mercantil graças a sua localização ideal. A comunidade, bem estabelecida antes deles,

estava situada ao longo de uma rota comercial entre o Mediterrâneo e as planícies do Tigre. Foi em Harã que Deus chamou Abrão (depois renomeado como Abraão) e fez a ele uma maravilhosa promessa:

‘Saia da sua terra, do meio dos seus parentes e da casa de seu pai, e vá para a terra que eu lhe mostrarei. Farei de você um grande povo, e o abençoarei. Tornarei famoso o seu nome, e você será uma bênção. Abençoarei os que o abençoarem, e amaldiçoarei os que o amaldiçoarem; e por meio de você todos os povos da terra serão abençoados.’ (Gênesis 12:1-3)

Perceba que haviam 3 partes principais dessa promessa: uma terra, uma nação e uma bênção a todas as nações. Abrão obedece a Deus e vai para Canaã, onde Deus aparece a ele novamente e promete que sua descendência será tão numerosa quanto as estrelas do céu (Gênesis 15:5). Ele reitera Sua promessa da terra mas também o alerta que seus descendentes serão ‘estrangeiros numa terra que não lhes pertencerá’ por 400 anos e serão ‘escravizados e oprimidos lá’ (Gênesis 15:12-15).

O resto do livro de Gênesis conta a história dos Patriarcas, Isaque filho de Abraão e seu neto Jacó, que seria renomeado Israel.

Deus repete a promessa sobre ‘descendência’ a ambos Isaque e Jacó (Gênesis 22:17-18, 26:4, 28:13-14) mas o livro de Gênesis termina com a família no Egito, onde eles serão escravizados. A nação de Israel nasceu.

Mais tarde nós aprenderemos que a palavra ‘descendência’ tem dois significados. Ela se refere à nação de Israel mas também ao próprio Jesus Cristo (Gênesis 3:15, Gálatas 3:16-19).

Êxodo, Reino e Conquista

A saída do Egito, a libertação de Israel da escravidão, sob a liderança de Moisés é contada no livro de Êxodo. De acordo com o relato bíblico isso aconteceu em cerca de 1146 aC.

Após a libertação de Israel, Deus faz uma aliança (acordo solene) com seu povo escolhido (Êxodo 19:4-6; Levítico 18:5), deu a eles os dez mandamentos (Ex 20; Dt 5) e estabeleceu o sistema sacrificial que é a base do relacionamento com Ele. Tanto a lei moral quanto os sacrifícios do templo novamente prenunciam a vinda de Cristo.

Após sua libertação, Israel rebela-se contra Deus, o que resulta em uma estadia prolongada no deserto do Sinai. Porém, depois de 40 anos Deus traz esta nação de ex-escravos, sob a liderança de Josué, em Canaã, a Terra Prometida.

A conquista desta terra segue, relatada no livro de Josué, e a nação de Israel se instala lá sob a liderança de juízes, relatado no livro de mesmo nome. Os juízes resgatam Israel dos ataques das nações vizinhas, incluindo os midianitas e os filisteus. Entre os mais conhecidos dos doze juízes estão Gideão e Sansão. Finalmente, o profeta Samuel assume a liderança do país.

As pessoas, então, exigiram um rei, assim Samuel estabelece a monarquia israelita sob Saul e depois Davi (1 e 2 Samuel). Durante o reinado do filho de Davi, Salomão, a nação de Israel desfruta seus dias de glória, mas a história em seguida é de divisão e declínio geral.

Divisão e Exílio

Quando Roboão, filho de Salomão, torna-se rei das dez tribos do norte de Israel, há uma revolta e esta torna-se uma nação separada (1 Reis 11). Depois de anos de atrito, e apesar das advertências dos profetas Elias e Amós, o Reino do Norte é posteriormente destruído pelos assírios em 721 aC e seus habitantes são perdidos nas páginas da história (2 Reis 17).

O Reino do Sul, renomeado Judá, a partir do qual a palavra "judeu" é derivada, é finalmente derrubado pelos babilônios em 587 aC e seu povo é levado em exílio (2 Reis 25; Salmo 37). Durante esse período, através de Daniel e dos amigos dele, a fé da nação reacendeu, e eles entendem a partir das palavras do profeta Jeremias que voltarão para a Terra prometida.

Depois de viver no exílio por 70 anos eles retornam, com a bênção do rei Ciro dos persas, o novo poder global, e restabelecem a nação de Israel sob a liderança de

Esdras e Neemias. Os profetas Malaquias, Zacarias e Ageu proporcionam encorajamento e orientação durante este período.

Este é o esboço histórico básico do Antigo Testamento sobre o qual todas as histórias individuais perduram e começam a fazer sentido. Compreender essa história base é a chave para colocar tudo junto.

Ao longo da história, apesar da fidelidade contínua de Deus, o povo de Israel o rejeita repetidamente e quebra a aliança. Suas derrotas militares e posterior destruição de Israel são uma consequência desta rejeição.

O Rei Vindouro

Através dos profetas, que repetidamente chamaram Israel de volta para um relacionamento fiel com Deus, Ele promete estabelecer um novo aliança com eles, em que Ele vai escrever suas leis em seus corações (Jeremias 31:31-34), limpá-los, regenerá-los e capacitá-los a viver em obediência a Ele (Ez 36:24-26).

Essas promessas são em última análise, para encontrar o seu cumprimento na vinda de Jesus Cristo. Há uma lacuna de mais de 400 anos entre o retorno dos judeus do cativeiro e do nascimento de Jesus. Isto é denominado de período intertestamentário, uma vez que não é narrado pelo Antigo ou Novo Testamento, exceto nas profecias dos capítulo do livro de Daniel.

Durante esse tempo, os gregos, sob a liderança de Alexandre, o Grande, assumiram o lugar dos persas como a potência mundial dominante, quando Alexandre morre o seu império é dividido em quatro partes e os judeus passam por mais um período de perseguição comandada pelo general grego Antíoco IV. Sob a liderança de Macabeus, eles se libertaram do jugo grego. Este período é relatado nos livros apócrifos, que não fazem parte do cânon das Escrituras.

O Império Grego é então derrubado pelos romanos, que invadem Jerusalém, capital de Israel em 63 dC. Cerca de 60 anos após o nascimento de Jesus, Israel ainda está sob ocupação romana.

Como o Antigo Testamento progride, torna-se claro que os filhos de Abraão não incluem apenas aqueles que são biologicamente descendentes dele, mas sim aqueles que irão partilhar a sua fé em Deus (Romanos 4:13, 16-17; Gl 3:6-14). Eles vêm de todas as nações (Gênesis 17:5). Ironicamente, muitos dos descendentes biológicos de Abraão acabam sendo excluídos do Povo de Deus.

A promessa original de Deus a Abraão era de que seriam abençoadas todas as nações através dele e não é surpresa que ao longo do Antigo Testamento, mesmo antes da época de Cristo, há sinais de outras nações e outros indivíduos que foram abençoados por meio de seu encontro com o povo de Israel.

Vemos isso na preocupação de Deus com os grandes impérios do Egito (Gênesis 47:25-26), da Assíria (Jonas 4:11), da Média e da Pérsia (Daniel 6: 25-26). O Egito foi salvo da fome durante uma destrutiva escassez de alimentos por meio da sábia intervenção de José. Assíria foi salva do julgamento de Deus quando aqueles na capital, cidade de Nínive, se arrependeram de seus pecados depois de ouvir Jonas pregar. Daniel foi capaz de interpretar os sonhos do rei babilônico Nabucodonosor e de representá-lo durante uma doença mental grave.

Nós vemos a preocupação de Deus com os povos não-israelitas ao abençoar indivíduos como Ismael (Gênesis 21:17), rainha de Sabá (1 Rs 10: 1), viúva de Sarepta (1 Rs 17:8-16; Lucas 4: 26-27), Naamã (2 Reis 5: 1-14), e o trabalho de Ciro (Isaías 45: 1) e em sua inclusão de Raabe e Rute na linhagem messiânica, sendo elas das nações inimigas (Mateus 1:5).

Estes são os sinais de que a salvação de Deus finalmente vai chegar além do povo de Israel para tocar todas as nações da terra.

Vemos também o amor de Deus a todos os povos em muitas profecias específicas no Antigo Testamento, no que diz respeito aos gentios (Salmo 67:1-7; Isaías 42:6, 49:6, 65:19-20; Amós 9:11-12; Habacuque 2:14). Israel pode ter sido a nação que Deus escolheu inicialmente no seu plano de salvação, mas Deus tem planos para todas as nações e todos os povos. Deus é soberano sobre todas as nações e determina seus movimentos (Atos 17:26; Amós 9:7; Daniel 2:21, 2:31-42, 04:17, 04:25, 04:32, 5:21, 5:7-12; Isaías 40:15-17, 40:21-24). Ele também traz todos para julgamento. (Salmo 2, 82:1-7).

Mas torna-se claro através do Velho Testamento que o instrumento pelo qual a salvação de Deus virá a todas as nações não é a nação de Israel, mas sim um homem.

O homem que é Deus

A Bíblia nos diz que esse homem será descendente de Abraão, Isaque e Jacó (Gênesis 12:1-3, 26:4, 28:13-14; Números 24:17-19), Judá (Gênesis 49:10; 1 Crônicas 28:4; Zacarias 10:4), Jessé (Isaías 11:1), Davi (2 Samuel 7:13, 16) e Zorobabel (Ageu 2:23).

Os Evangelhos de Mateus e Lucas completam essa genealogia para mostrar que essa pessoa não é outra senão Jesus Cristo (Mateus 1:1-17; Lucas 3:23-37). O "Cristo", "Messias" em grego, é identificado no Antigo Testamento em uma variedade de títulos e funções.

Ele é chamado o Filho de Deus (Salmos 2, 110) e o Filho do Homem (Daniel 7: 13-14) a quem as nações do mundo serão dadas como herança. O profeta Isaías o chama de o Servo (Isaías 42:1-7, 49:1-6, 50:4-11, 52:13-53: 12; Mateus 12:18-21) e nos diz que ele sofrerá e morrerá em nome do seu povo. Moisés o chama de o Profeta (Deuteronômio 18:14-22) que trará a mensagem de Deus e os Filhos de Corá se referem a ele como o Noivo que formará um profundo relacionamento íntimo com seu povo e reinará para sempre (Salmo 45). Em outros lugares, ele leva os títulos de Príncipe da Paz (Isaías 9:6-7), o Escolhido (Salmo 89), o Ungido (Isaías 61:1-2; Lucas 4:18-19), o Renovo (Jeremias 33 :15-16; Zacarias 3:8, 6:12) e o ramo do tronco de Jessé (Isaías 11:1-9).

A mensagem do Novo Testamento é que Jesus é o Messias, o verdadeiro Israel (Gênesis 28:12; João 1:51) e que nele judeus e gentios (não judeus) podem ser reconciliados com Deus e unidos como um (Lucas 9-10, 21:24; Efésios 2:14, 3:6; Romanos 11:11-12; Apocalipse 7:4-9).

Muitas dessas passagens do Antigo Testamento (por exemplo, Salmos 2, 45, 110) deixam claro que esse Messias não é apenas um homem, de carne e osso, mas também o próprio Deus. Isso é explicado ainda mais claramente no Novo Testamento. João Batista identifica Jesus como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (João 1:29).

O coração do Evangelho

'Agnus Dei' (literalmente 'Cordeiro de Deus') é uma pintura a óleo de um cordeiro amarrado sobre um altar por Francisco de Zurbarán, iniciada em 1636 e concluída em 1640. Ela representa o ensino bem no coração da fé cristã pelo qual Deus faz as pazes com seres humanos afastados e culpados através da morte de seu Filho Jesus Cristo numa cruz romana.

Jesus é chamado de o 'Cordeiro de Deus' porque sua morte foi um ato de 'expição substitutiva'. Em outras palavras, Jesus morreu em nosso lugar recebendo o julgamento e a ira que nossos pecados mereciam. Essa idéia está no centro dos ensinamentos do Antigo Testamento - Deus veste Adão e Eva na pele de animais abatidos; ele produz uma ovelha como substituto da oferta de Abraão de seu filho Isaac; na Páscoa, o sistema de sacrifício judaico e o dia da expiação.

Deus vestiu Adão e Eva com peles de animais para protegê-los de sua ira. A ovelha apanhada nos arbustos similarmente protegeu Isaac ao morrer em seu lugar. Durante a Páscoa, o alastrar do sangue de um cordeiro pelas portas dos lares israelitas protegeu os filhos mais velhos do anjo destruidor, o instrumento do julgamento de Deus, enquanto os filhos mais velhos dos egípcios, sem essa proteção, morreram.

O elaborado sistema de sacrifício judaico envolvia o abate de milhares de animais pelos pecados dos israelitas. Deus protegeu seu povo da ira e do julgamento que eles tanto mereciam. O dia da expiação, o dia mais sagrado do calendário judaico, envolvia o envio de uma cabra (na qual os pecados de Israel haviam sido colocados) ao deserto.

Em todos esses casos, um alívio temporário foi alcançado por pecaminosos seres humanos. Mas o objetivo deles era preannunciar e apontar para a morte de Jesus, o Cordeiro de Deus, na cruz.

Seres humanos distantes deveriam ser 'santificados pelo sacrifício do corpo de Jesus Cristo de uma vez por todas' (Hebreus 10: 1-10). Ao morrer na cruz, Jesus tomou a ira e o julgamento de Deus que nossos pecados realmente mereciam. É precisamente porque ele tomou essa ira e julgamento em nosso lugar que recebemos a graça e a misericórdia de Deus e, portanto, somos perdoados. Nossos pecados tiveram que ser

pagos. Mas, como não podíamos pagar por eles nós mesmos, Jesus o fez em nosso favor.

Em nenhum lugar esse princípio de 'expição substitutiva' é exposto mais explicitamente no Antigo Testamento do que em Isaías 53, a última das quatro canções servas, escrita 700 anos antes de Cristo ser crucificado, mas escrita em antecipação a isso:

Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e sobre si levou as nossas doenças, contudo nós o consideramos castigado por Deus, por ele atingido e afligido. Mas ele foi transpassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa de nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados. Todos nós, tal qual ovelhas, nos desviamos, cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho; e o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós.

(Isaías 53:4-6)

O tema central em Isaías 53 (versículo sete) é o do 'agnus dei', o Cordeiro de Deus, que 'não abriu a boca', foi 'levado como um cordeiro ao matadouro' e 'como ovelha diante dos seus tosquiadores permaneceu em silêncio'. Do mesmo modo, a expiação substitutiva é o ensino central do Novo Testamento.

Paulo diz que Jesus morreu 'por nós' (Romanos 5: 6-8; 2 Coríntios 5:14; 1 Tessalonicenses 5:10) e também que ele morreu 'por nossos pecados' (1 Coríntios 15:3; Gálatas 1:4). Jesus descreve seu próprio ministério como dando a vida 'em resgate por muitos' (Mateus 20:28; Marcos 10:45) e Pedro diz 'Ele mesmo levou em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro' (1 Pedro 2:24). Paulo diz a Timóteo que Cristo 'se entregou a si mesmo como resgate por todos' (1 Timóteo 2:6). O escritor de Hebreus acrescenta que Cristo 'morreu como resgate pelas transgressões cometidas sob a primeira aliança' (Hebreus 9:15). Pedro resume dizendo que 'Cristo também sofreu pelos pecados uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus' (1 Pedro 3:18).

O Novo Testamento explica a expiação substitutiva com quatro metáforas principais. Primeiro é a metáfora do altar do sacrifício. Cristo é o cordeiro sacrificial cujo sangue é derramado em nosso lugar. Somos nós que merecíamos morrer, mas Cristo nos substituiu. O segundo é o mercado de escravos. Cristo pagou o preço da redenção que não poderíamos pagar para nos libertar da escravidão. Ele suportou o custo por nós. Terceiro é o tribunal. Cristo é nossa justificação, ou seja, ele aceitou o castigo que merecíamos em nosso lugar para não sermos condenados. Quarto é a metáfora do relacionamento. A morte de Cristo em nosso favor traz reconciliação após nosso abandono unilateral de Deus.

A grande comissão de Jesus

O plano de Deus era trazer reconciliação, através da morte de Jesus na cruz, entre ele e a humanidade pecadora. Os evangelhos mostram detalhadamente como ele conseguiu isso. Jesus demonstrou que ele era o Messias através de seus ensinamentos, ações e milagres e, finalmente, através de sua morte e sua ressurreição dos mortos. Ele então deu sua grande missão a seus seguidores para fazer discípulos de todas as nações, 'batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei' (Mateus 28:19,20).

A tarefa da igreja é, assim, ser testemunhas de Jesus Cristo (Atos 1:8) e chamar as pessoas ao arrependimento e à fé (João 3:16, 5:24; Romanos 10:9-10). A morte e ressurreição de Jesus forneceram os meios de reconciliação.

Mas os indivíduos deveriam receber isso confiando nele, acreditando e agindo de acordo com seus ensinamentos. 'Se você confessar com a sua boca que Jesus é Senhor e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo' (Romanos 10:9). A todos que receberam a Cristo dessa maneira, Deus deu o poder de se tornarem filhos de Deus (João 1:12). Ele lhes deu uma nova natureza (2 Coríntios 5:17) e o dom de seu Espírito Santo para viver dentro deles e capacitá-los a entender sua Palavra e obedecer a seus mandamentos (Ezequiel 36: 24-27).

A igreja primitiva era inteiramente judia (At 1:15, 2: 5-41), mas rapidamente se espalhou para além das fronteiras judaicas. Os gentios foram trazidos ao Reino após a rejeição de Cristo pelos judeus (Lucas 4: 24-27; João 4; Lucas 10: 13-15, 11: 29-32; Atos

13: 46-47, 28:28; Romanos 11 11-27) e a Bíblia ensina que os judeus voltarão em número muito maior antes da volta de Cristo (Zacarias 12:10; Romanos 11:15, 25-26).

O livro de Atos é apresentado de acordo com o plano em Atos 1:8 para mostrar a propagação do Evangelho a Jerusalém (Atos 2:1-8:1), toda a Judéia e Samaria (Atos 8:1-40) e para os confins da terra - primeiro aos judeus (9:1-11:19) e depois aos gentios (Atos 11:20-28: 31). O livro do Apocalipse termina finalmente com judeus e gentios unidos em um Reino (Apocalipse 7:4-10, 21:24-26).

Jesus profetizou durante sua vida na Terra que Jerusalém seria destruída e que os judeus seriam espalhados por todo o mundo (Mateus 24; Marcos 13; Lucas 21). Isso aconteceu quando os romanos limpavam etnicamente a cidade em 70 d.C. Somente em 1948 o povo judeu, depois do Holocausto nazista da Segunda Guerra Mundial, no qual seis milhões morreram, retornaria a Israel, onde muitos permanecem hoje.

Ainda mais seriamente, Jesus ensinou claramente que haverá um grande dia de julgamento quando todos os seres humanos que já viveram ficarão diante de Deus e serão enviados para um dos dois destinos: ou para o novo céu e nova terra para desfrutar de Deus para sempre, ou ser excluído de sua presença para sempre no inferno. Esses eventos são descritos nos capítulos posteriores de Apocalipse, o último livro da Bíblia.

Esta é a grande história bíblica da criação, queda, salvação e nova criação.